

Opções metodológicas no estudo de fenômenos variáveis relacionados à primeira pessoa do discurso no plural

Cássio Florêncio Rubio

Sebastião Carlos Leite Gonçalves

Resumo

Neste trabalho, apresentamos metodologia para o tratamento conjunto de três fenômenos variáveis do português brasileiro: (i) codificação de primeira pessoa do discurso no plural pelas formas nós e a gente, (ii) concordância verbal com o pronome nós e (iii) concordância verbal com a forma pronominal a gente. Amparada teoricamente na Sociolinguística laboviana (LABOV, 1966, 1972), a metodologia é aplicada a amostras do português falado no interior paulista (GONÇALVES, 2007). Os resultados apontam que fatores de natureza distinta prevalecem na escolha das formas alternantes de cada fenômeno: na concordância verbal com a gente, prevalecem fatores linguísticos; na concordância verbal com nós, fatores sociais, e no uso de nós/a gente, tanto fatores linguísticos quanto sociais.

Palavras-chave: *concordância verbal, primeira pessoa, nós, a gente.*

Introdução

No português brasileiro (doravante, PB), já está mais do que provado que a concordância verbal (CV, daqui em diante) de primeira e de terceira pessoa do plural (1PP e 3PP, daqui em diante, respectivamente) é regra variável. Normalmente, as pesquisas sobre o tema se concentram mais na investigação da 3PP do que da 1PP.

Grande parte dos trabalhos sobre 1PP se concentra na variação de CV entre o pronome *nós* e a forma verbal a ele relacionada, como encontramos em Bortoni-Ricardo (1985), que trata da fala de migrantes da zona rural na cidade satélite de Brazlândia (DF), em Assis (1988), que descreve brevemente o sistema de CV do dialeto da Ilha do Desterro (SC), em Rodrigues (1987), que trata do português popular da periferia de São Paulo, incluindo também a 3PP, em Camacho (1993), que investiga aspectos funcionais e estruturais da CV no português culto registrado nas amostras do Projeto NURC de São Paulo, em Zilles, Maya e Silva (2000), que abordam a CV em Panambi e Porto Alegre (RS), e em Lucchesi *et al.* (2009), que pesquisam amostras do dialeto da Helvécia (BA).

A alternância entre *nós* e *a gente* também já foi atestada no PB por diversos autores, dentre os quais destacamos Omena (1986, 1996, 2003), para o dialeto carioca, Lopes (1998, 1999), para a fala culta do Rio de Janeiro, Porto Alegre e Salvador, Zilles (2004, 2005, 2007), que tratou da gramaticalização e da avaliação social da forma *a gente* na fala e na escrita de diferentes variedades do território brasileiro.

A variação na concordância com a forma pronominal *a gente*, apesar de pouco investigada, já se revela fenômeno comprovadamente variável, segundo estudos de Costa *et al.* (2001), na comparação entre PB e PE, e de Pereira (2003), sobre concordância nominal entre predicativos e *a gente* em posição de sujeito.

A análise conjunta da variação na concordância de 1PP e da alternância entre as formas *nós* e *a gente* foi proposta nos trabalhos de Naro *et al.* (1999), de Vianna (2006), ambos em amostras de fala do Rio de Janeiro, e de Coelho (2006), para a língua falada na periferia paulistana. O primeiro estudo tratou do uso variável da flexão verbal de 1PP e 3PS junto às formas *nós* e *a gente*, em quatro gerações de falantes. O segundo teve como objetivo principal a análise de estruturas predicativas que complementam verbos em dados de fala e escrita. Coelho (2006) apresentou resultados que evidenciam relação direta entre o fenômeno da CV e o da alternância entre *nós* e *a gente*, além de atestar que a aplicação de desinência verbal de 1PP junto à última forma é pouco frequente.

Com base nas pesquisas ora mencionadas, neste trabalho, propomos a apresentação, discussão e experimentação de opções metodológicas para o tratamento conjunto da variação entre *nós*

e a *gente* em posição de sujeito e da variação na CV em relação ao uso dessas formas pronominais.

Variação e mudança em torno da expressão de primeira pessoa do discurso

O primeiro ponto a ser discutido nesta seção relaciona-se à distinção entre pessoa do discurso e pessoa gramatical. Como já apontado por Benveniste (1995), a noção de pessoa do discurso é própria somente de *eu/tu* e suas formas correlatas, porque são essas as únicas que “se prendem ao próprio processo de enunciação” (p. 278). Ao contrário das formas de expressão de pessoa, “há enunciados de discurso, que (...) escapam à condição de pessoa, isto é, remetem não a eles mesmos, mas a uma situação “objetiva”. É o domínio daquilo a que chamamos a ‘terceira pessoa’” (p. 282).

No português padrão há correspondência exata entre pessoa do discurso e pessoa gramatical. Para a primeira pessoa, o falante, existe um pronome de primeira pessoa gramatical, *eu*, com flexão verbal própria. Para as demais pessoas, tanto no singular quanto no plural, a mesma univocidade se verifica. Porém, nas variedades não padrão do PB, a inclusão de novas formas de menção à segunda pessoa (singular/plural) e à 1PP reelaborou o quadro pronominal e de CV, levando à falta de total correspondência entre mesmas pessoa e flexão verbal. É o caso das formas inovadoras *você* e *a gente*, que, ao assumirem valores discursivos de segunda pessoa (singular/plural) e 1PP, respectivamente, retêm flexão verbal de terceira pessoa. (OMENA e BRAGA, 1996; MENON, 1996; LOPES, 1999, 2003; ZILLES, 2005).

Não é recente o reconhecimento da variação entre as formas *nós* e *a gente*. A menção ao uso de *a gente* como forma “popularesca” de valor pronominal é evidenciada já em gramáticas do início do século XX, como se verifica em Nunes (1919).

A parte de *pessoa*, ocorre, frequentemente, sobretudo na fala popular, o nome *gente*, que, como *aquele*, costuma neste caso tomar o gênero, pedido pelo sexo da pessoa a que se refere. No povo o vocábulo *gente* tem valor colectivo, valendo pelos pronomes *eu* e *tu* ou *ele*, nos casos em que a língua culta usa *nós*.

(NUNES *apud* PEREIRA, 2003, p. 13)

Mesmo entre linguistas e filólogos da língua portuguesa não é consensual o reconhecimento da forma *a gente* como pronominal. Perini aponta que formas como *o senhor*, *a senhora*, *a gente* “seriam ‘pronomes pessoais’ no sentido de que se referem ao locutor; mas gramaticalmente não diferem dos outros SNs” (PERINI, 2010, p. 115). Há, segundo o autor, distinção entre o item *a gente* e os pronomes pessoais, o que faz com que ele esteja mais próximo de “outros SNs” do que de pronomes. Para Neves (2000, p. 470), entretanto, *a gente* pode ocorrer como pronome pessoal para

referência à 1PP ou para referência genérica a todas as pessoas do discurso, funcionando como forma de indeterminação do sujeito. Ainda que outros sintagmas nominais (*o pessoal, o cara, o cidadão*) sejam empregados com mesma função na linguagem coloquial, “seu estatuto não tem identificação com a classe dos pronomes pessoais como o sintagma A GENTE tem”.

Segundo Hopper (1991), pelo *princípio da estratificação*, novas “camadas” emergem em um domínio funcional, sem que formas antigas sejam substituídas imediatamente, proporcionando coexistência de camadas novas e antigas no mesmo domínio, que codificam funções semelhantes ou idênticas e compõem diferentes variantes estilísticas. É o que mostram Omena e Braga (1996) sobre a gramaticalização da forma *a gente*, que passa a coexistir com *nós*, deixando, gramaticalmente, de ser forma substantiva para integrar o sistema de pronomes pessoais, e constituindo assim claro caso de variação, captado pela estratificação, como postula Hopper (1991).

Segundo a tradição gramatical, a flexão verbal de 1PP é requerida nos casos em que figuram como sujeito da oração: (i) pronome 1PP, (ii) formas compostas que possam representar a pessoa do falante em conjunto com outros seres (eu + SN ou pronome) e (iii) uma categoria vazia com referência anafórica ao sujeito.

Rodrigues (1987), em estudo da CV variável com o pronome *nós*, na fala de favelados de São Paulo, obteve percentual de 53% de aplicação de flexão de 1PP contra 47% de 3PS. Zilles *et al.* (2000), ao analisarem falantes com escolaridade fundamental e média de Panambi e de Porto Alegre (RS), obtiveram frequência geral de 87% de aplicação de desinência de 1PP. No estudo de Lucchesi *et al.* (2009) sobre a fala da comunidade afro-brasileira de Helvécia, houve 18% de frequência de pluralização verbal em contextos de 1PP (ou seja, frequência de 82% de flexão de 3PS).

No tocante à CV com a forma *a gente*, Teyssier (1989, p. 243) alude ao uso muito comum de *a gente* na linguagem familiar, normalmente com flexão de 3PS. Contudo, a forma pode ocorrer com verbos em 1PP, uso percebido como incorreto pelos falantes. Além das flexões de 3PS e de 1PP, Vianna (2006) observa, em amostras do PB, do estado do Rio de Janeiro, também a combinação de *a gente* com flexão verbal de 3PP (*a gente estão*), padrão menos comum no PB, em relação às outras duas alternantes.

Naro *et al.* (1999) resumem os fenômenos de alternância pronominal e de variação na CV de 1PP da seguinte forma:

Em português padrão o sujeito de primeira pessoa do plural é *nós* e sua forma verbal correspondente é feita com a flexão gramatical *-mos*. Um exemplo típico é *nós falamos*. Entretanto, há uma alternativa para o sujeito pronominal de primeira pessoa do plural: *a gente*, que deriva de um sintagma nominal com a mesma forma e significa *as pessoas*. Na linguagem padrão o verbo usado com *a gente* recebe desinência de terceira pessoa do

singular, com terminação zero. Um típico exemplo é *a gente fala*. Conquanto, o uso do pronome sujeito, com certa frequência, não é obrigatório, e, na linguagem informal, a desinência *-mos* é omitida com *nós* e usada com *a gente*, a despeito do papel categorial e ao contrário do padrão. As formas *nós falamos* e *a gente fala* são padrão; *nós fala* e *a gente falamos* são não-padrão.

(NARO *et al.*,1999, p. 201, tradução nossa)

Procedimentos para o tratamento conjunto de três fenômenos variáveis

Para testar os procedimentos metodológicos de tratamento conjunto dos três fenômenos identificados anteriormente, em nossa pesquisa, utilizamos 76 amostras de fala do Banco de Dados Iboruna (GONÇALVES, 2007), provenientes de informantes da região Noroeste do Estado de São Paulo, estratificados em cinco faixas etárias (7 a 15; 16 a 25; 26 a 35; 36 a 55 e mais de 55 anos), quatro níveis de escolarização (1º e 2º. Ciclos do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior) e gêneros masculino e feminino, distribuídos de forma equânime por entre as variantes sociais.

Para a análise conjunta dos fenômenos em variação, selecionamos ocorrências em que se verifica a expressão de 1PP do discurso tanto na forma pronominal de sujeito explícito *nós/a gente* quanto na flexão verbal referente às formas *nós/a gente* expressas em contexto anterior. Segue em (1) a combinação dessas possibilidades, quais sejam: (i) *nós* com verbo em 3PS (1a); (ii) *nós* com verbo em 1PP (1b); (iii) *a gente* com verbo em 3PS (1c); (iv) *a gente* com verbo em 1PP (1d); (vii) forma verbal de 3PS com referente explícito *nós* ou *a gente* em oração anterior ((1e) e (1f)); (vii) forma verbal de 1PP com referente explícito *nós* ou *a gente* em oração anterior ((1g) e (1h)).¹

- (1) a. aí o moleque fa/ acho que foi embora né? **nós foi** embora pra casa...(AC-015, l. 30)
- b. nove e meia da noite... **nós fomos** pro apartamento e num tinha nada (AC-082, l. 55)
- c. desde junho do ano pasSado **a gente namorava** escondido... (AC-22, l. 5)
- d. quando **a gente chegamo(s)**... do serviço ela pegô(u) e ligô(u) pra colega dela (AC-016, l. 40)
- e. **a gente** vai:: compra sorvete e **fica** na praci::nha conversan::(d)o... (AC-034, l. 23)
- f. Nós fugimo(s) casamo(s)... teve uma vida muito difícil (AC-059, l. 17)
- g. Inf.: **a gente ficô(u)** lá::... quinze dias... **fomos** de ô::nibus **chegamo(s)** lá tudo (AC-024, l. 70)

¹ As indicações nos parênteses que seguem as ocorrências exemplificativas referem-se, respectivamente: ao tipo de amostra (AC, Amostra Comunidade), ao número que identifica o perfil social do informante e à linha em que o dado se situa na transcrição.

Não foram consideradas na análise da CV ocorrências de sujeito desinencial sem referente explícito em contexto anterior, como mostrado em (2a), por se constituírem casos em que não se admite variação entre formas de 1PP e 3PS no único elemento indicativo de pessoa do discurso, como mostra o confronto de (2a) e (2b).

(2) a. Inf.:é muito difícil começar... **começamo(s)** a fazê(r) barzi::nhos **começamo(s)** a fazê(r) casamen::tos festas... e aí foi crescen(d)o... e e e e **fomo(s)** convidan(d)o mais músicos e se tornô(u) uma banda (AC-029, l. 02)

b. é muito difícil começar... **começou** em em::... antes da banda **começou** a fazê(r) barzi::nhos **começou** a fazê(r) casamen::tos festas...

Para a análise da alternância entre *nós* e *a gente*, descartamos sujeitos desinenciais (ocultos) e consideramos somente ocorrências de sujeitos pronominais. Também foram descartadas ocorrências em que *a gente* figura como SN, como em (3a), porque tais casos não constituem alternantes da forma de 1PP, *nós*, como mostra (3b).

(3) a. e sempre que eu ia lá... **a gente** daquele lugar ficava olhando... (AC-092, l. 222)

b. e sempre que eu ia lá... **nós** daquele lugar ficava olhando...

Por constituir objeto de análise a variação entre *nós* e *a gente*, desconsideramos ocorrências de sujeitos compostos pela forma pronominal *eu* e outras estruturas (SNs e pronomes), que, sabidamente, apresentam variação na CV ((4a) e (4b)). A inclusão dessas estruturas inviabilizaria a consideração dos sujeitos do tipo *oculto ou desinencial* na análise da CV, os quais foram considerados, conforme menção prévia, em relação a seu referente explicitado em orações anteriores.

(4) a. **eu:: meu tio:: meu pri::mo e um colega nosso** tava sentado ali na frente de casa... (AC-046, l. 389)

b. graças a Deus **eu e meu marido**... construímos uma família (AC-083, l. 195)

Contextos linguísticos variáveis

Dentre as variáveis linguísticas que já se mostraram relevantes para a investigação da CV de 1PP e da variação entre *nós* e *a gente*, apenas três servem à análise conjunta dos três fenômenos: *grau de determinação do sujeito*, *saliência fônica verbal* e *tempo e modo verbal*. Sobre elas passamos a discorrer.

Diversos trabalhos apontam *grau de determinação do referente sujeito* como importante fator na alternância entre *nós* e *a gente*

(OMENA, 1986; MACHADO, 1995; LOPES, 1999; VIANNA, 2006, dentre outros). Segundo Buescu (1961, *apud* PEREIRA, 2003), o pronome pessoal *nós* possui maior concretude, porque é usado para se referir a um número mais completo ou determinado de pessoas, enquanto *a gente* é usado para delimitar categorias, isto é, para referir-se a um número não limitado.

Em nossa investigação, o controle do grau de determinação do referente sujeito foi feito mediante os seguintes fatores: (i) *referência genérica e indefinida*, quando o pronome remete a categoria generalizada e indeterminada de indivíduos ((5a) e (5b)); (ii) *referência genérica e definida*, quando o pronome remete a categoria generalizada, mas determinada de indivíduos ((5c) e (5d)); (iii) *referência específica e definida*, quando o pronome remete a categoria específica e determinada de indivíduos, em que o falante se inclui junto a outro referente também específico; a recuperação do referente é feita com exatidão no contexto posterior ou anterior ((5e) e (5f)).

- (5) a. **a gente** tem que se preocupá(r) SIM com o meio ambiente... (AC-051-550)
- b. então Deus sabe o que faz e **nós** num sabe o que fala né?... (AC-090, l. 60)
- c. então tem um secante de cobalto... que **a gente** utiliza lá no serviço (AC-086-380)
- d. todos **nós** que somos membros... **nós** temo(s) pintores... **nós** temos encanadores (AC-106, l. 455)
- e. eu e minha esposa não saia de lá... **a gente** passeava lá na pracinha... (AC-111-34)
- f. aí **nós** entrô(u) na casa do moleque esperô(u) um tempinho lá aí depois **nós** foi embora (AC-015, l. 10)

Nos trabalhos pesquisados não há menção da influência do grau de determinação do sujeito sobre a CV com *nós* e com *a gente*, contudo insistimos na consideração dessa variável para os três fenômenos, motivados pela hipótese de que referentes mais específicos e definidos, nos quais o falante nitidamente se inclui, influenciariam a aplicação da desinência de 1PP, independentemente do sujeito pronominal.

No estudo da concordância verbal e nominal, *saliência fônica* é fator relevante na retenção de marcas de pluralidade no sujeito, no verbo e no predicativo. Os resultados demonstram que distintos graus de diferenciação entre formas em competição no processo de variação têm importância fundamental na seleção da forma preferida. Naro *et al.* (1999) comprovam que maiores níveis de saliência entre as formas verbais levam a maiores frequências de uso da forma de 1PP, seja com sujeito *nós*, seja com sujeito *a gente*.

À medida que o nível de saliência aumenta, a frequência de aplicação da desinência de 1PP também aumenta.

Considerando a síncope da vogal postônica em palavras proparoxítonas (LEMLE, 1977), Rodrigues (1987) e Coelho (2006) comprovam que os falantes de suas amostras tendem a evitar formas verbais proparoxítonas, que ocorrem com 1PP em alguns tempos verbais. Os resultados comprovam, nesses contextos, aplicação quase categórica da desinência de 3PS junto do pronome *nós* (RODRIGUES, 1987) ou a preferência acentuada pela forma *a gente*, com desinência de 3PS (COELHO, 2006).

Com base no exposto em relação à *saliência fônica*, propomos o controle dos seguintes contextos: (i) *saliência esdrúxula*: quando a forma de 1PP é proparoxítona, e a oposição *X/X-mos* não é tônica nas duas formas ((6a) e (6b)); (ii) *saliência máxima*: quando ocorre mudança no radical e a oposição *X/X-mos* é tônica em uma ou duas formas ((6c) e (6d)); (iii) *saliência média*: quando ocorre uma semivogal na forma de 3PS que não ocorre na forma de 1PP e a oposição *X/X-mos* é tônica nas duas formas ((6e) e (6f)); (iv) *saliência mínima*: quando a oposição *X/X-mos* é tônica em uma ou nas duas formas, mas não há mudança no radical ((6g) e (6h)).

- (6) a. a gente **obedecia (obedecíamos)** o pai e a mãe antigamente né? (AC-122, l. 10)
- b. dava incentivo... pra que nós **pudéssemos (pudesse)** participar de entida::des (AC-114. l. 915)
- c. graças a Deus a gente **fez (fizemos)** uma casinha boa... né? (AC-112, l. 250)
- d. agora como... nós **somos (é)** em cinco sócios (AC-132, l. 200)
- e. a gente **fomos (foi)** tudo mundo pra chácara... catei meus neto (AC-132, l. 80)
- f. aí nós **mudou (mudamos)** de lá (AC-015, l. 165)
- g. aí a gente **joga (jogamos)** ela num centrífuga que é um lugar que a gente faz o metal (AC-045, l. 290)
- h. de repente nós **tá (tamos)** tudo ali esperan(d)o o corpo... (AC-105, l. 100)

A opção pela separação dos fatores *saliência esdrúxula* e *saliência máxima* se deve à hipótese, observada em trabalhos anteriores, de que esses contextos apresentam comportamento dessemelhante em relação aos fenômenos investigados.

Vários são os estudos que investigam a influência da expressão modo-temporal do verbo no emprego das formas *nós* e *a gente* e do tipo de CV que elas desencadeiam. Segundo Fernandes e Gorski (1986), em relação à CV, a desinência *-mos* de 1PP vem adquirindo função de morfema de Pretérito, em oposição ao mor-

fema Ø de Presente, o que leva à expectativa de que o pronome *nós* tenha seu uso mais vinculado a verbos no Pretérito enquanto *a gente*, a verbos no Presente. Omena (1986) e Lopes (1998) mostram que Pretérito Imperfeito, Presente e formas nominais tendem a favorecer o uso de *a gente*, enquanto Futuro e Pretérito Perfeito, o uso de *nós*. *A gente* estaria relacionado a tempos menos definidos, como o Presente (que pode expressar ação presente, futura, tempo indefinido, atemporalidade e habitualidade) e o Pretérito Imperfeito, que denota ação passada inconclusa. Tempos verbais de valores mais definidos, como o Pretérito Perfeito (que denota ação passada conclusa), estariam mais ligados ao emprego do pronome *nós* (VIANNA, 2006).

Em relação à CV de 1PP, Naro *et al.* (1999) comprovaram que formas de Pretérito relacionadas aos sujeitos pronominais *nós* e *a gente* tendem a apresentar com maior frequência desinências de 1PP do que formas no Presente.

Em nossa investigação, esse grupo de fatores compõe-se das seguintes variantes: (i) Presente do Indicativo e do Subjuntivo (7a); (ii) Pretérito Imperfeito do Indicativo e do Subjuntivo (7b); (iii) Pretérito Perfeito do Indicativo (7c); (iv) Futuro do Presente, do Pretérito do Indicativo e do Subjuntivo e outros tempos verbais (7d).²

(7)a. a gente tira o dentinho da onde a gente pingô(u) tirô(u) o dentinho (AC-045, l. 225)

b. a gente trabalhava viajando né? sempre viajan(d)o né? (AC-045, 220)

c. aí de de lá nós pegamos ela e levamos pra U.T.I (AC-105, l. 20)

d. amanhã nós estaremos in(d)o pra lá ficaremos lá mais uns dez dias (AC-151, l. 190)

Ainda que optemos pela investigação da variável linguística *tempo e modo verbal*, é importante mencionar a correlação notável entre ela e o grupo de fatores *saliência fônica verbal*. Verbos regulares do Presente do Indicativo possuem nível mínimo de saliência entre 3PS e 1PP. A maioria dos verbos no Pretérito Perfeito da amostra tem nível médio de saliência e verbos no Pretérito Imperfeito do Indicativo e Subjuntivo associam-se a casos de saliência esdrúxula.

Variáveis sociais consideradas

Diferentemente de variáveis linguísticas que restringem o tratamento conjunto dos três fenômenos aqui investigados, variáveis sociais estão livres de restrição e suas inclusões no presente estudo já estão de antemão justificadas pela própria importância de considerá-las em todo e qualquer estudo sociolinguístico. Assim, sob as premissas já estabelecidas para as variáveis sociais

² Devido à baixa frequência e ao comportamento semelhante do futuro e de alguns tempos verbais, optamos por amalgamar variantes.

mais tradicionalmente consideradas nos estudos variacionistas, controlamos aqui *sexo/gênero, idade e escolaridade*.

Sobre o uso alternante de *nós* e *a gente*, é esperado que a forma inovadora esteja mais presente na fala dos mais novos do que na fala dos mais idosos, a exemplo do que constatam Omena e Braga (1996).

Em relação à CV, alguns trabalhos evidenciam não haver aumento ou diminuição gradativa da aplicação de marcas relacionada à faixa etária (NARO; SCHERRE, 1998; RUBIO, 2008), não sendo, portanto, previsíveis os resultados para essa variável, por não haver, no PB, um movimento em direção única, seja de aquisição, seja de perda de marcas de plural, ao longo dos anos, o que Naro e Scherre (1991) denominaram *fluxos e contrafluxos* dos fenômenos sociolinguísticos do PB.

Para a variável *escolaridade*, a hipótese inicial é de que o aumento da escolaridade do informante e, conseqüentemente, o maior contato com a norma culta presente no ambiente escolar acarretem maior emprego da CV tal como ela é prescrita e do uso de *nós* em detrimento de *a gente*.

Seguindo princípios gerais da atuação da variável *gênero* em fenômenos variáveis (LABOV, 1990), a expectativa é de que mulheres, em relação à alternância pronominal, sejam mais propensas ao uso da forma inovadora, comprovadamente pouco estigmatizada no PB (ZILLES, 2004). Para a CV, a hipótese é de que homens apresentem maior propensão de desvio à norma, com menores frequências de aplicação da flexão de 1PP com o pronome *nós* e da flexão de 3PS com o pronome *a gente*.

O último passo metodológico a ser esclarecido diz respeito à quantificação dos dados, pois ainda que os fatores considerados sejam comuns a todos os fenômenos, os dados não foram submetidos a uma única rodada estatística, já que, como se sabe, as variáveis dependentes possuem natureza distinta. Uma delas ligada ao uso dos pronomes de 1PP *nós* e *a gente* em posição de sujeito e as outras duas ligadas à aplicação da desinência de 1PP e 3PS em formas verbais de 1PP do discurso.

Para a quantificação da variação na CV, os dados referentes às formas *a gente* e *nós* foram rodados separadamente, com a inclusão das ocorrências com sujeitos ocultos ou desinenciais. A decisão sobre a inclusão dos verbos como formas vinculadas ao pronome *a gente* ou ao pronome *nós* foi pautada pela presença formal do pronome em orações anteriores, como mostram as ocorrências (8).

(8) a. **a gente** ficô(u) uns seis dias... mas foi muito bom até **aproveitamo(s)** bastante (AC-042, l. 15)

b. **nós** fica mais sozinho aqui né?... e lá em cima fica um na guarita... e durante o dia fica DOIS... à noite éh:: **ficamo(s)** sozinho também (AC-121, l. 225)

Ao procedermos à rodada de verificação da frequência de aplicação de CV nos verbos, consideramos as especificidades de cada pronome. O pronome *nós*, influenciado pela tradição normativa, normalmente se vincula com maior frequência a desinências de 1PP; o pronome *a gente*, por se constituir em forma gramaticalizada de um SN, normalmente se liga a verbos com desinência de 3PS (NARO *et al.*,1999). Dessa forma, os pesos relativos para os verbos ligados ao pronome *nós* foram extraídos em relação à aplicação da forma de 1PP. Para a forma pronominal *a gente*, os pesos relativos foram extraídos em relação à aplicação da forma de 3PS.

Análise dos resultados

Ainda que resultados normalmente constituam-se o ponto principal da maioria dos trabalhos, conforme vimos argumentando até aqui, nosso intuito é a apresentação de uma proposta de consideração conjunta de fenômenos variáveis do PB, o que rende discussão mais ampla do que normalmente se apresenta.

Os resultados gerais da tabela 1 comprovam o predomínio da forma *a gente* sobre *nós*, evidenciado, sobretudo, pelo percentual quase três vezes maior de frequência da primeira forma pronominal, gramaticalizada, em relação à segunda, conservadora.

Tab. 1: Frequência de uso de *nós* e *a gente*.

Nós	A gente	Total
25,4% (573)	74,6% (1682)	100% (2255)

Em relação aos resultados da frequência de aplicação das desinências de 1PP e 3PS junto aos dois tipos de sujeito, a forma pronominal *nós* mostrou-se mais suscetível à variação, com 79,5% de flexão verbal de 1PP contra 20,5% de 3PS. A frequência de aplicação de flexão verbal de 3PS com sujeitos *a gente* prevaleceu acentuadamente sobre a frequência de aplicação de 1PP (94,2% de verbos em 3PS), revelando forte tendência à não pluralização verbal com *a gente*. A tabela 2 apresenta os resultados para a CV com *nós* e *a gente*.

Tab. 2: Flexão de 1PP e 3PS com *nós* e *a gente* em posição de sujeito (explícito ou desinencial).

Nós		A gente	
1PP	3PS	1PP	3PS
79,5% (551/693)	20,5% (142/693)	5,8% (112/1943)	94,2% (1831/1943)

Os percentuais apresentados em relação à alternância das formas pronominais e em relação à CV variável de 1PP confirmam a tendência, já evidenciada em outras variedades, de redução do

paradigma flexional do PB, com a diminuição gradativa do uso da desinência de 1PP, como vemos na tabela 3.

Tab. 3: Frequência de uso de flexão de 1PP e 3PS

Verbos com desinência de 1PP	Verbos com desinência de 3PS	Total
25,2% (663) (551-Nós/112-A gente)	74,8% (1.973) (142-Nós/1.831-A gente)	100% (2.636) (693-Nós/1.943-A gente)

A soma das amostras com desinência de 1PP, incluindo os casos em que a forma pronominal *a gente* exerce função de sujeito, representa percentual de apenas 25,2% do total, enquanto o percentual de uso de 3PS junto de *nós* e *a gente* é de 74,8%.

A seguir, passamos aos resultados da atuação das variáveis linguísticas e sociais sobre os fenômenos aqui considerados. O quadro 1 apresenta os fatores selecionados para cada fenômeno e a ordem de seleção indicada pelo programa *Goldvarb*.

Quadro 1:

Ordem de seleção dos fatores considerados para os fenômenos

Fenômeno		Nós x A gente	Nós + 1PP/3PS	A gente + 1PP/3PS
Fatores				
Linguísticos	Saliência fônica verbal	1°	2°	1°
	Grau de determinação do suj.	4°	não selecionado	2°
	Tempo e modo verbal	5°	não selecionado	3°
sociais	Escolaridade	3°	1°	não selecionado
	Faixa etária	2°	3°	4°
	Gênero	6°	4°	não selecionado

Com base nos resultados do quadro 1, cabem as seguintes observações iniciais: (i) Na alternância *nós x a gente*, tanto as variáveis linguísticas quanto as variáveis sociais são relevantes; (ii) A CV com *nós* em posição de sujeito é mais suscetível à influência de fatores sociais do que de linguísticos, já que somente o fator linguístico *saliência fônica verbal* foi selecionado; (iii) Na CV com o sujeito *a gente*, há maior influência de fatores linguísticos do que de sociais, o que se verifica pela seleção apenas da variável social *faixa etária*, última em ordem de relevância; (iv) As variáveis

saliência fônica e *faixa etária* são relevantes para os três fenômenos, embora não na mesma ordem de importância.

Passando à análise da atuação de cada um dos fatores, iniciemos pelos resultados expostos na tabela 4 para a variável *saliência fônica*.

Tab. 4:
Frequência e PR dos três fenômenos em relação à *saliência fônica*

Fenômeno	Nós peso relativo % (nº de oc./total)	A gente peso relativo % (nº de oc./total)	Nós + 1PP peso relativo % (nº de oc./total)	A gente + 3PS peso relativo % (nº de oc./total)
Saliência fônica				
Esdrúxula (proparoxítonas)	0,497 24 (105/438)	0,503 76 (333/438)	0,096 59,1 (68/115)	0,924 99,7 (358/359)
Mínima	0,353 12,1 (109/900)	0,647 87,9 (791/900)	0,271 76 (76/112)	0,522 97,1 (883/909)
Média	0,642 38,9 (309/795)	0,358 61,1 (486/795)	0,680 86,9 (357/411)	0,200 88,2 (518/587)
Máxima	0,669 41 (50/122)	0,331 59 (72/122)	0,689 90,9 (50/55)	0,135 81,8 (72/88)

O peso relativo (PR, doravante) dos níveis médio e máximo de *saliência fônica*, em relação à aplicação de 1PP junto de *nós*, foi de 0,680 e 0,689, respectivamente, demonstrando que esses fatores atuam positivamente no uso de *nós*. Em relação à CV com *a gente*, os fatores *saliência média* e *máxima* apresentaram os menores PRs para aplicação de 3PS (0,200 e 0,135), o que, por análise complementar, sugere que eles atuam positivamente na aplicação da flexão de 1PP junto dessa forma pronominal. Esses resultados confirmam a primeira hipótese sobre a atuação da *saliência fônica*: maiores níveis de *saliência fônica* propiciam maior aplicação de 1PP tanto para *a gente* quanto para *nós* (NARO *et al.*, 1999).

Os PRs em relação à alternância *nós/a gente* revelam favorecimento de *a gente* à presença de formas verbais de *saliência esdrúxula* e *mínima* (0,503 e 0,647), e de *nós* junto a formas verbais de *saliência média* e *máxima* (0,642 e 0,669). Ainda sobre a aplicação de 1PP e 3PS, é possível observar forte tendência do falante a evitar formas proparoxítonas (verbo em 1PP) com *nós* (59,1% e PR de 0,096, para aplicação de 1PP) e com *a gente* (99,7% e PR de 0,924, para aplicação de 3PS). Confirma-se assim a segunda hipótese da atuação da variável *saliência fônica*: o falante tende a evitar formas verbais proparoxítonas, recorrendo a 3PS para *nós* e para *a gente* (RODRIGUES, 1987; COELHO, 2006).

Concernente à variável *grau de determinação do sujeito*, as expectativas são duas: (i) a forma *nós* é usada para sujeitos de referência específica e definida, enquanto *a gente* é usada para sujeitos de referência indefinida; (ii) para variação de CV, a hipótese a ser investigada é de que referentes mais específicos e definidos influenciem a aplicação de desinência de 1PP. Segue a tabela com os resultados para essa variável.

Tab. 5: Frequência e PR dos três fenômenos em relação ao grau de determinação do sujeito

Grau de det.do suj. \ Fenômeno	<i>Nós</i> peso relativo % (nº de oc./total)	<i>A gente</i> peso relativo % (nº de oc./total)	<i>Nós + 1PP</i> peso relativo % (nº de oc./total)	<i>A gente + 3PS</i> peso relativo % (nº de oc./total)
Genérico e indefinido	0,396 12,7 (27/213)	0,604 87,3 (186/213)	não selecionado 85,7 (24/28)	0,830 99,1 (577/582)
Genérico e definido	0,443 23 (168/732)	0,557 77 (564/732)	não selecionado 81,6 (199/244)	0,445 97,5 (193/198)
Específico e definido	0,511 28,9 (378/1310)	0,489 71,1(932/1310)	não selecionado 74,1 (346/467)	0,320 91,2 (1061/1163)

Os resultados para alternância pronominal confirmam a hipótese de que a forma *a gente* tende a ser mais usada com sujeitos de referência genérica e indefinida (PRs de 0,604 e 0,557), enquanto a forma *nós* tende a codificar com maior frequência referentes mais específicos e definidos (PR de 0,511).

A expectativa de que graus diferentes de referência aos sujeitos influenciariam também a CV foi confirmada parcialmente, pois o grupo foi selecionado como relevante apenas para a CV com o pronome *a gente*. A hipótese de que sujeitos mais específicos e definidos exerceriam influência positiva em relação à aplicação de desinência de 1PP se concretizou, já que, dentre as ocorrências de CV com *a gente*, a variável *referente específico e definido* apresentou PR baixo para a combinação com 3PS (91,2% e 0,320, respectivamente). Para o sujeito pronominal *nós*, a variável não foi selecionada, contudo a maior frequência de aplicação de 1PP é para sujeitos genéricos e indefinidos.

A categoria variável *tempo e modo verbal* tem se mostrado relevante em diversos estudos sobre a alternância entre as formas pronominais *nós* e *a gente*, bem como na variação de CV de 1PP. As principais hipóteses já confirmadas em outros trabalhos, a serem investigadas nesta pesquisa são: (i) formas mais marcadas tendem a favorecer o uso de *nós*, e formas menos marcadas, o uso de *a gente*; (ii) *Nós* é mais usado diante de Pretérito Perfeito, *a gente*, diante de Presente, Pretérito Imperfeito e formas nominais; (iii) formas de Pretérito são mais frequentes com 1PP do que formas de Presente, tanto com sujeito pronominal *nós*, quanto com *a gente*. Adiante, segue a tabela para esse fator.

Tab. 6:
 Frequência e PR dos três fenômenos em relação ao *tempo-modo verbal*

Fenômeno Tempo- modo verbal	Nós peso relativo % (nº de oc./total)	A gente peso relativo % (nº de oc./total)	Nós + 1PP peso relativo % (nº de oc./total)	A gente + 3PS peso relativo % (nº de oc./total)
PRES.IND + PRES.SUBJ	0,422 16,6 (171/1032)	0,578 83,4 (861/1032)	não selecionado 80,4 (144/179)	0,579 98,3 (967/984)
PRET.IMP.IND. + PRET.IMP.SUBJ.	0,502 24,3 (102/419)	0,498 75,4 (317/419)	não selecionado 59,6 (68/114)	0,883 99,7 (344/345)
PRET. PERF.IND.	0,640 42,5 (288/677)	0,360 57,5 (389/677)	não selecionado 86,9 (338/389)	0,085 81 (402/94)
FORMAS FUT. + OUTROS	0,470 19,4 (12/127)	0,530 80,6 (115/127)	não selecionado 66,7 (10/15)	0,788 99,2 (128/129)

Ao compararmos os PRs da tabela 6, é possível notar que o Pretérito Perfeito favorece o uso de *nós* (0,640), enquanto o Presente tende a favorecer o uso de *a gente* (0,578). Para o Pretérito Imperfeito, os resultados mostram equilíbrio entre o uso de *nós* e *a gente* (0,502 e 0,498, respectivamente). O futuro em conjunto com outros tempos e modos favorece o uso do pronome *a gente*.

A expectativa de que formas de Pretérito apresentariam maior frequência de aplicação de 1PP foi confirmada apenas para ocorrências com sujeito *a gente* no Pretérito Perfeito, já que essa categoria apresentou menor percentual e PR em relação à aplicação de desinência de 3PS (81% e 0,085). Verbos no Presente influenciam negativamente a aplicação de 1PP, pois apresentaram alta frequência de aplicação de desinência de 3PS (98,3 % e 0,579 de PR).

Para a CV com *nós*, não houve seleção da variável *tempo e modo verbal*, contudo maiores percentuais de 1PP ocorrem com Pretérito Perfeito e Presente e menores, com Pretérito Imperfeito, Futuro e outros tempos, conforme previam as expectativas.

Os resultados para Pretérito Imperfeito são justificados pela consideração de que essas ocorrências são, em sua totalidade, casos de *saliência esdrúxula*, em que a forma de 1PP é proparoxítona, contextos em que os falantes tendem a evitar o uso da forma, seja o sujeito *nós*, seja *a gente*. Os percentuais e os PRs confirmam a tendência: junto a *nós*, a frequência de aplicação de 1PP é a mais baixa (59,6%), e junto a *a gente*, a aplicação de 3PS é quase categórica (99,7% e 0,883 de PR).

Faixa etária foi a única variável social selecionada pelo programa *Goldvarb* para os três fenômenos. Os resultados alcançados seguem na tabela 7.

Tab. 7: Frequência e PR dos três fenômenos em relação à *faixa etária*

Fenômeno Faixa etária	<i>Nós</i> peso relativo % (nº de oc./total)	<i>A gente</i> peso relativo % (nº de oc./total)	<i>Nós + 1PP</i> peso relativo % (nº de oc./total)	<i>A gente + 3PS</i> peso relativo % (nº de oc./total)
7 a 15 anos	0,593 26 (98/377)	0,407 74 (279/377)	0,143 51,2 (62/121)	0,721 96 (334/348)
16 a 25 anos	0,282 12,4 (56/452)	0,718 87,6 (396/452)	0,416 84 (63/75)	0,608 95,6 (435/455)
26 a 35 anos	0,443 22,3 (102/458)	0,557 77,7 (356/458)	0,299 78 (92/118)	0,303 90 (368/409)
36 a 55 anos	0,682 39,6 (210/530)	0,318 60,4 (320/530)	0,767 91,1 (235/258)	0,385 94,3 (347/368)
mais de 55 anos	0,490 24,4 (107/438)	0,510 75,6 (331/438)	0,573 81,8 (99/121)	0,489 95,2 (347/363)

Em referência à alternância pronominal, não se verifica comportamento que possa refletir mudança em direção a uma ou outra variante. Contrariando expectativa geral, falantes entre 7 e 15 anos apresentaram maior uso da forma *nós* e os de mais idade, leve tendência ao uso de *a gente* (PRs de 0,593 e 0,510, respectivamente). Para as demais faixas, o comportamento não foge às expectativas; há aumento gradativo de uso de *a gente*, da faixa de maior para a de menor idade.

Sobre a influência da variável *faixa etária* na CV, constatam-se as mesmas tendências exibidas para o uso alternante de *nós* e *a gente*, ou seja, os resultados não demonstram movimento único em relação à maior ou menor aplicação de marcas de 1PP nos verbos. Destaquem-se apenas as faixas etárias mais elevadas, com tendência ao uso de 1PP com *nós* (com PRs de 0,767 e 0,573, respectivamente), e para as duas faixas mais jovens, que demonstraram maior propensão à aplicação de 3PS com a forma *a gente* (7 a 15 anos, 0,721 e 16 a 25 anos, 0,608).

Em observação horizontal da tabela, é possível constatar a propensão dos mais jovens a evitar o uso de 1PP, disposição mais evidente na faixa de 7 a 15 anos, que, ainda que exiba tendência ao uso da forma *nós* (PR de 0,593), manifestou grande inclinação à aplicação de 3PS com esse mesmo pronome (PR de 0,143). Essa faixa foi também a que exibiu maior PR (0,721) em relação a aplicação de 3PS com *a gente*.

Embora a CV tenha sido considerada em relação à variante padrão, com PRs verificados para aplicação de 1PP para *nós* e de 3PS para *a gente*, é possível notar, pelas duas últimas colunas da tabela 7, um comportamento oposto em relação ao uso da forma padrão. Faixas etárias com tendência ao desvio do padrão em um fenômeno de CV são as mais conservadoras em outro, forte indício de que os fenômenos possuem diferentes avaliações na comunidade.

No que se refere à atuação da *escolaridade*, seguem na tabela 8 os resultados.

Tabela 8: Frequência e PR dos fenômenos em relação à *escolaridade*

Fenômeno Escolaridade	Nós peso relativo % (nº de oc./total)	A gente peso relativo % (nº de oc./total)	Nós + 1PP peso relativo % (nº de oc./total)	A gente + 3PS peso relativo % (nº de oc./total)
1º ciclo Ens. Fundamental	0,561 32,9 (148/450)	0,439 67,1 (302/450)	0,161 69,4 (129/186)	não selecionado 94,6 (333/352)
2º ciclo Ens. Fundamental	0,464 21,8 (126/577)	0,536 78,2 (451/577)	0,245 57,4 (89/155)	não selecionado 92,5 (491/531)
Ensino Médio	0,380 17,2 (114/663)	0,620 82,8 (549/663)	0,685 92,8 (128/138)	não selecionado 95,3 (603/633)
Ensino Superior	0,628 32,7 (185/565)	0,372 67,3 (380/565)	0,852 95,8 (205/214)	não selecionado 94,6 (404/427)

Observando os resultados da alternância pronominal, é possível, preliminarmente, concluir que o comportamento de informantes com mínima escolarização (PR de 0,561, para uso de *nós*) aproxima-se muito do de informantes com o máximo de escolarização (PR de 0,628, para uso de *nós*), comprovação frustrante em relação às expectativas para a influência do fator *escolaridade* em fenômenos variáveis do PB.

Todavia, ao alargarmos o escopo de análise para incluir os demais resultados da tabela, constatamos que a possível semelhança de comportamento das faixas extremas de escolaridade não se repete na variação de CV. Os valores apontam gradativo aumento na aplicação de marcas de 1PP para o sujeito *nós*, na medida em que a escolaridade do falante aumenta (PR 0,161; 0,245; 0,685 e 0,852), revelando que falantes de Ensino Médio e Superior primam fortemente pelo uso de 1PP, enquanto os de 1º e 2º ciclos do Ensino Fundamental têm maior tendência à aplicação de desinências de 3PS.

Esses resultados corroboram a visão de Lucchesi (2009), que afirma haver uma polarização linguística no Brasil, com gramáticas diferentes em concorrência. Não obstante faixas extremas possuírem semelhança no uso pronominal, têm comportamento regulado por gramáticas diferentes. Para a faixa menos escolarizada, há apagamento sistemático das marcas redundantes de plural nos verbos, fenômeno também verificado em relação à concordância nominal. Já os mais escolarizados tendem a aproximar sua fala da norma-padrão, que prescreve, nesse caso, o uso da desinência de 1PP.

Para a CV com *a gente*, a variável *escolaridade* não se mostrou relevante, o que pode ser comprovado, inclusive, pelos percentuais apresentados. Discrepâncias entre faixas escolares normalmente

revelam avaliação social da comunidade em relação às variáveis do fenômeno. Falantes com maior escolaridade tendem a evitar formas estigmatizadas e a privilegiar formas prestigiadas na comunidade. A não seleção dessa variável, aliada ao comportamento uniforme dos informantes, revela que o fenômeno não sofre interferência do nível de escolaridade dos falantes.³

Por fim, seguem, na tabela 9, os resultados para a variável *gênero*.

Tabela 9: Frequência e PR dos fenômenos em relação ao *gênero*

Fenômeno Gênero	Nós peso relativo % (nº de oc./total)	A gente peso relativo % (nº de oc./total)	Nós + 1PP peso relativo % (nº de oc./total)	A gente + 3PS peso relativo % (nº de oc./total)
Masculino	0,545 28 (269/960)	0,455 72 (691/960)	0,429 72,1 (238/330)	não selecionado 93,8 (751/801)
Feminino	0,467 23,5 (304/1295)	0,533 76,5 (991/1295)	0,564 86,2 (313/363)	não selecionado 94,6 (1080/1142)

Os resultados confirmam a hipótese de que as mulheres privilegiam a forma inovadora *a gente* (PR de 0,533), e os homens, a forma conservadora *nós* (PR de 0,545). Do mesmo modo, para a CV com *nós*, as mulheres tendem mais à aplicação de marcas de plural (86,2 % e PR de 0,564) do que os homens (72,1% e PR de 0,429), o que comprova serem elas mais sensíveis ao significado social das variáveis linguísticas, evitando formas socialmente desprestigiadas, a exemplo de falantes mais escolarizados.

A variável *gênero* não foi relevante para o fenômeno variável de CV com *a gente*, (93,8% para homens e 94,6% para mulheres).

Conclusão

A consideração dos fatores linguísticos e sociais propostos na metodologia deste trabalho permitiu detectar a pertinência deles na análise conjunta de três fenômenos variáveis do PB: o uso variável de *nós* e *a gente*, a CV com *nós* e a CV com *a gente*.

A forte influência dos fatores sociais *escolaridade*, *idade* e *gênero* sobre a CV com *nós* leva à conclusão de que determinadas faixas sociais têm maior consciência do fenômeno do que outras. Para a CV com *a gente*, a seleção apenas da variável *idade* evidencia que o falante é menos consciente do fenômeno, sendo este regulado mais por fatores linguísticos do que sociais. Em relação à alternância entre as formas pronominais *nós* e *a gente*, evidenciamos a influência simultânea tanto dos fatores sociais (*escolaridade*, *idade* e *gênero*) quanto dos linguísticos (*saliência fônica*, *grau de determinação do sujeito* e *tempo e modo verbal*).

Essas constatações tornaram possível a determinação dos fenômenos propensos a influências de fatores sociais e de suas variantes estigmatizadas e prestigiadas, já que alguns segmentos sociais, como o mais escolarizado e o do gênero feminino, tendem

³ Esses resultados consideram conjuntamente os contextos de sujeito explícito e de sujeito nulo. Se considerados separadamente, seria possível detectar diferenças na atuação da escolaridade sobre a CV com *a gente*, principalmente nos contextos de sujeito explícito, como em *a gente vamos*.

a evitar variantes estigmatizadas na comunidade, no caso em questão, a aplicação de 3PS com sujeito *nós*.

Concluímos este trabalho com a convicção de que a metodologia proposta, ainda que restringida por variáveis comuns aos três fenômenos investigados, fornece uma visão mais ampla do uso efetivo da 1PP do discurso na variedade falada no noroeste paulista, metodologia que se mostra aplicável a outras variedades do PB.

Abstract

*This paper presents methodology for an integrated treatment of three variable phenomena in Brazilian portuguese: (i) encoding of first-person plural into the forms *nós* (we) and *a gente* (the people), (ii) verbal agreement with the pronoun *nós* and (iii) verbal agreement with the pronominal form *a gente*. Based on the theoretical framework provided by Labovian sociolinguistics (LABOV, 1966, 1972), the methodology is applied to a sample of Brazilian portuguese spoken in the countryside of São Paulo State (GONÇALVES, 2007). The results indicate that distinct factors predominate in the choice of the alternative forms of each phenomenon: in the verbal agreement with *a gente*, linguistic factors are the most prominent; in the verbal agreement with *nós*, social factors are the most salient; and in the use of *nós/a gente* both linguistic and social factors prevail.*

Keywords: *verbal agreement, first person, nós (we), a gente (the people).*

REFERÊNCIAS

- ASSIS, R. M. Variações linguísticas e suas implicações no ensino do vernáculo: uma abordagem sociolinguística. In: *Ilha do Desterro*, v. 20, 1988, p.59-81.
- BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995.
- BORTONI-RICARDOS, S.M. *The urbanization of rural dialect speakers—a sociolinguistic study in Brazil*. University Press: Cambridge, 1985.
- COELHO, R. *É nós na fita!* Duas variáveis linguísticas numa vizinhança da periferia paulistana. 2006. 175f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – USP, São Paulo.
- CAMACHO, R. G. Aspectos funcionais e estruturais da concordância verbal no português falado. In: *Alfa*, São Paulo, v.37, 1993, p. 101-116.

- COSTA, J.; MOURA, D.; PEREIRA, S. Concordância com *a gente*: um problema para a teoria de verificação de traços. In: *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 2001.
- FERNANDES, E.; GORSKI, E. A concordância verbal com os sujeitos *nós e a gente*: um mecanismo do discurso em mudança. In: *Actas do Simpósio sobre a Diversidade Linguística no Brasil*. Salvador: Instituto de Letras da UFBA, 1986, 175-183.
- FISHER, J. L. Social influences on the choice of a linguistic variant. In: *Word*, v. 14, 1958, p. 47-56.
- GONÇALVES, S.C.L. *Banco de dados Iboruna*: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista. Disponível em: <http://www.iboruna.ibilce.unesp.br>, 2007. Acesso em: out.2007.
- HOPPER, P. On Some Principles of Gramaticalization. In: TRAU-GOTT, E. C.; HEINE, B. (orgs.) *Approaches to Gramaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p. 17-36.
- LABOV, W. *The social stratification of English in New York city*. Washington: Center for Applied Linguistics, 1966.
- _____. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- _____. The intersection of sex and social class in the course of linguist change. *Language variation and change*, n.2, 1990, p. 205-254.
- LEMLE, M.; NARO, A J. *Competências básicas do Português*. Rio de Janeiro: Mobral/Fundação Ford, 1977.
- LOPES, C.R.S. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. In: *DELTA*, vol.14, n.2, São Paulo, 1998.
- _____. *A inserção de a gente no quadro pronominal do português: percurso histórico*. 1999. 181f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – UFRJ, Rio de Janeiro.
- _____. *A inserção de "a gente" no quadro pronominal do português*. Madrid: Iberoamericana, 2003.
- LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; SILVA, J.A.A. A concordância verbal. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Orgs.). *O português afro-brasileiro*. EDUFBA: Salvador, 2009.
- MACHADO, M. S. *Sujeitos pronominais "nós" e "a gente": variação em dialetos populares do norte fluminense*. 1995. 135f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – UFRJ, Rio de Janeiro.
- MENON, O. P. S. 'A gente': um processo de gramaticalização. *Estudos Linguísticos*, n. 25, p. 622-628, 1996.
- NARO, A. J.; GÖRSKI, E.; FERNANDES, E. Change without change. *Language Variation and Change*, v. 11, n. 2, 1999, p. 197-211.
- NARO, A.J.; SCHERRE, M.M.P. Variação e mudança linguística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala. In: SILVA, G. M. O.; TARALLO, F. (Orgs.). *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 20. Campinas, 1991, p. 9-16.

OMENA, N. P. As influências sociais na variação entre nós e a gente na função de sujeito. In: OLIVEIRA e SILVA, G. M.; SCHERRE, M.M.P. *Padrões sociolinguísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 309-323.

_____. A referência variável da primeira pessoa do discurso no Plural. In: NARO, A. J. et al.: *Relatório Final de Pesquisa: Projeto Subsídios do Projeto Censo à Educação*, Rio de Janeiro, UFRJ, 1986, p.286-319

_____. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: PAIVA, M. de C.; DUARTE, M. E. L. (orgs.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

OMENA, N.P.; BRAGA, M.L. A gente está se gramaticalizando? In: MACEDO, A. T.; RONCARATI, C.; MOLLICA, M.C. (orgs.). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 75-84.

PEREIRA, S.M.B. *Gramática Comparada de a gente: variação no Português Europeu*. 2003. 100f. Dissertação (Mestrado em Gramática Comparada - Universidade de Lisboa, Lisboa.

PERINI, M. A. *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.

RODRIGUES, A.C.S. *A Concordância Verbal no Português Popular em São Paulo*. 1987. 189f. Tese (Doutorado de Língua Portuguesa) - USP, São Paulo.

RUBIO, C. F. *A concordância verbal na região noroeste do Estado de São Paulo*. 2008. 152f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - UNESP, S. J. Rio Preto.

SCHERRE, M. M. P., NARO, A. J. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In: RUFFINO, G. (org.) *Dialettologia, geolinguística, sociolinguística*. Centro di Studi Filologici e Linguistici Sicilliani. Università di Palermo. Tubingen: Max Niemayer Verlag, 1998.

TEYSSIER, P. *Manual de Língua Portuguesa (Portugal-Brasil)*. Coimbra: Coimbra Editora, 1989.

VIANNA, J.B.S. *A concordância de nós e a gente em estruturas predicativas na fala e na escrita carioca*. 2006. 109f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - UFRJ, Rio de Janeiro.

ZILLES, A. M. S. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente? In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 42, n. 2, 2007, p.27-44.

_____. The development of a new pronoun: the linguistic and social embedding of *a gente* in Brazilian Portuguese. In: *Language Variation and Change*, v.17, n.1, 2005, p.19-53.

_____. Grammaticalization of *a gente* as a cluster of changes: evidence from apparent and real time studies. In: *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v.4, n.1, 2004, p. 13-46.

ZILLES, A.M.S.; MAYA, L., SILVA, K. A concordância verbal com a primeira pessoa do plural em Panambi e Porto Alegre, RS. In: *Organon*, v.14, n.28/29, 2000, p. 195-219.